

Fonte da Ribeira ou da Praça

Francisco Messias Trindade

27-01-2020

O texto de Rangel de Quadros sobre a “Fonte da Ribeira ou da Praça” deixa a descoberto pistas muito interessantes sobre a organização do espaço edificado e de circulação existente na zona baixa do burgo. É necessário, de facto, ler com muita atenção o referido texto para encontrar em pequenos pormenores a chave para a descodificação do puzzle. E depois há que limpar a cabeça de ideias pré-feitas e procurar noutros documentos a materialização desta nova leitura. Isto porque as pistas sempre lá estiveram, mas a formatação mental a que se esteve exposto ao longo de muito tempo (diria quase de nascença) não deixou ver para além das lentes desfocadas.

Diz Rangel de Quadros que “A “*Fonte da Ribeira*” era de boa construção e rematada com as armas de Portugal, sob as quais estavam as de Aveiro, com os seus emblemas em altos-relevos. Logo abaixo destas estava a data de 1678. Creio que não era a data da primitiva fonte, mas sim a de uma reconstrução ou de alguma restauração importante. Três altos nichos rematados em arco e próprios para imagens, ficavam nos intervalos das quatro bicas. Destas, a que ficava ao sul, era destinada para os mareantes fazerem as suas aguadas.” Esta fonte está também referenciada na *Memória* de Pinho Queimado de 1687, o que de alguma forma garante ser, no mínimo, do século XVII.

E pode mesmo deduzir-se a partir de Rangel de Quadros que a sua antiguidade era bastante maior dado que em 1680, em petição dirigida ao Príncipe (futuro D. Pedro II) a vereação escrevia que *também estavam arruinados pela mesma forma “uns arcos, por que ia a água a um chafariz, que está na dita Praça”, que era única fonte, que havia dentro da Vila e era a que servia à maior parte do povo e à gente das embarcações para as suas aguadas, os quais arcos se foram abrindo de sorte, que não chegava a água ao chafariz, com o que o mesmo povo*

padecia notável falta e igual os estrangeiros nas aguadas das suas embarcações. O facto de se encontrarem arruinados necessitando de conserto leva a crer que, e apesar da má qualidade da construção em Aveiro, tal fontanário já teria uns anos em cima.

Retomando, este pormenor de que a quarta bica, a que ficava virada ao sul, se destinava à aguada das embarcações quase implica que o referido fontanário estivesse localizado junto ao cais. Mas como tal será possível? As fotos existentes mostram a fonte no primeiro arco dos conhecidos “Arcos” da baixa de Aveiro.

Rangel dá resposta a essa dúvida: *Em 1874, uma associação empreendeu a construção de um caminho-de-ferro americano, desde a Estação até à Praça e depois, talvez, até o Rossio. Foi aberto o leito para essa estrada e, da primitiva ideia, lhe proveio o nome de caminho americano que ainda tem hoje.*

Por causa desse caminho foi preciso, que a Câmara mandasse demolir uma casa, que havia na Praça do Comércio, e cujo segundo andar assentava no arco, a que estava encostada a fonte do mesmo sítio. Por efeito dessa demolição, foi mister mudar a fonte em 1875, para o vão do arco, próximo ao que foi demolido. Nessa demolição a fonte não sofreu alteração alguma. Todas as peças foram repostas nos seus respectivos lugares.

Esta descrição de Rangel de Quadros pode aos mais distraídos não dizer nada; aos que se aperceberam de algo invulgar pode lançar a confusão. Mas há que ter em mente o seguinte. Quando ocorreu esta alteração significativa, Rangel de Quadros (1842-1918) era vivo, já adulto e deve-a ter testemunhado. Não deu muita importância ao facto, é certo, talvez por não considerar que fosse, em momento posterior, despertar qualquer interesse.

Portanto, deitou-se abaixo uma casa à qual estava encostada a fonte, tendo-se de novo erguido a fonte no arco imediatamente a seguir. É o que mostram as fotos conhecidas: a fonte já no seu novo lugar de instalação.



A fonte estaria, antes da abertura do novo arruamento, aproximadamente colocada na posição que se vê nesta montagem. Foi, depois movida para a posição ao lado que se vê e que é a mais reconhecida nas fotos de épocas posteriores.

A pesquisa de outros documentos acaba por corroborar a versão de Rangel de Quadros. Esses documentos são duas plantas: uma de 1780 (aprox.) e outra de 1865. Neles é possível ver de forma in equívoca a posição da fonte na sua martiz original. Um terceiro documento não assinala a fonte mas mostra o edificado vindo até à margem do canal. É um excerto da planta que se encontra no Museu de Aveiro e também ele do séc. XVIII.

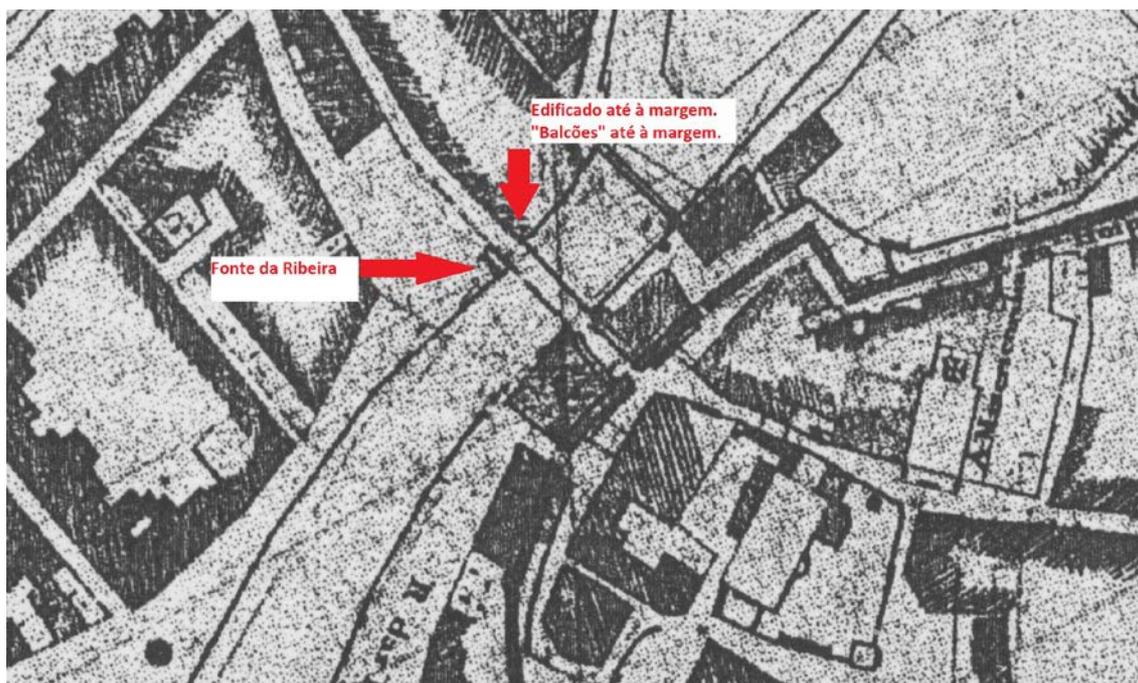


Praça do Comércio

Não é um elemento muito claro e que possa ser detectado de forma fácil. Apenas quem esteja previamente desperto para o assunto notará este e outros pequenos pormenores nos documentos.

É o que acontece nesta outra planta do séc.

XVIII. Já vista um razoável número de vezes, e não desconhecida dos estudiosos. No entanto, e mais uma vez, os detalhes do desenho revelam-se apenas aos mais atentos e interessados no caso.



Esta planta não só confirma a extensão do casario até à margem do canal como tem a faculdade de mostrar o posicionamento da fonte da Ribeira ou da Praça encostada junto ao muro do cais. Assim se percebe com facilidade a determinação de a quarta bica ser de serviço quase exclusivo para a aguada das embarcações.



Outro documento, ainda anterior à mudança da fonte para a sua localização posterior, está datado de 1865 e nele é possível também observar alguns pormenores interessantes. Neste já

é possível ver a existência de um arruamento marginando o canal, mas a fonte continua na sua posição original, no enfiamento da ponte da Ribeira. A planta poderá não estar 100 % exacta na representação (por exemplo não assinala a existência da segunda ponte sobre o canal). No entanto o posicionamento da fonte é inequívoco.

Resumindo, e de acordo com a narrativa de Rangel de Quadros e com as representações gráficas existentes é possível concluir que a posição inicial da fonte não é aquela que habitualmente é reconhecida como tal mas sim uma outra que já não perdura na memória de ninguém. A existência destes documentos é fundamental para se poder reconstituir mais um pequeno pedaço da história de Aveiro. Não basta ter ou conhecer os documentos. É necessário levar a curiosidade que permita questionar esses mesmos documentos e saber fazer as perguntas acertadas. As respostas estão sempre nos documentos desde que as perguntas feitas sejam as correctas.